

Reitor cobra reforma agrária de FH

Fernando Henrique recebe título da Universidade de Bolonha sob protesto de intelectuais

Sérgio Marques

Ricardo Miranda

Enviado especial • BOLONHA

O presidente Fernando Henrique Cardoso foi cobrado ontem, ao receber o título de doutor *honoris causa* em ciência política da Universidade de Bolonha, a dar uma solução ao problema dos sem-terra no Brasil. A cobrança partiu do próprio reitor da universidade, Fabio Roversi-Monaco, na abertura da cerimônia de doutoramento. Seu discurso, que deveria ser meramente acadêmico, acabou por expressar uma preocupação de intelectuais e acadêmicos de Bolonha e outras universidades italianas. Cuidadoso, o reitor da quase milenar universidade lembrou que, embora o presidente tenha dado muitos passos, que o problema fundiário continua sendo de "difícil solução" e um dos mais importantes para a imagem do país no exterior.

Ao discursar, o reitor da Universidade de Bolonha começou apresentando Fernando Henrique como um intelectual de fama internacional e um líder político que ficou conhecido no mundo por sua luta pela redemocratização. Em seguida, falou de reforma agrária, informando que o atual Governo distribuiu só no último ano três milhões de hectares de terra, beneficiando cem mil famílias.

— Obviamente que os chamados sem-terra continuam sendo um problema grave, de tratamento dramático e de difícil solução — disse o reitor.

Fernando Henrique, que recebeu o mais alto título da Universidade de Bolonha — e seu nono doutoramento — usando toga preta e roxa e capelo, preferiu falar de convivência, tolerância e negociação, sem tocar no tema. Deixou até de ler o único trecho do discurso que mencionava o problema das terras no país. Aprovado em 31 de janeiro de 1995 — um mês após a posse — o doutoramento do "intelectual e político" Fernando Henrique vinha sendo adiado porque um grupo de intelectuais, o chamado *consiglio comunale*, contestava a decisão da reitoria da universidade.

Intelectuais assinam manifesto pedindo punição de crimes no campo

Do lado de fora da universidade, o jornalista italiano Giancarlo Summa distribuiu cópias do manifesto intitulado "Appello" (Apelo), com a assinatura de 68 professores, escritores e jornalistas, pedindo prioridade para a reforma agrária e condenação para os assassinos de camponeses. Reforma agrária no Brasil é também o tema principal da audiência de hoje do presidente com o Papa João Paulo II, no Vaticano.

Entre os signatários do documento estão professores de dez universidades: Roma, Pisa, Florença, Modena, Ferrara, Forlì, Turim, Veneza, Urbino e também de Bolonha, representada pelo professor David Nelken. Assinam, ainda, os escritores Stefano Benni, Pino Cacucci e Ettore Masina, além de representantes de ONGs. O documento será entregue à Embaixada do Brasil em Roma, dirigido a Fernando Henrique e também ao presidente italiano Oscar Luigi Scalfaro.

Fernando Henrique desembarcou em Bolonha às 9h30m com um frio de 4°C e sob forte névoa, que chegou a fechar o Aeroporto Guglielmo Marconi para pousos e decolagens. O anfiteatro da universidade mais antiga do mundo (921 anos) estava lotado para o doutoramento do presidente brasileiro. Na platéia estavam o primeiro-ministro da Itália, Romano Prodi, que viajou para Bolonha — sua terra natal — especialmente para assistir à cerimônia, e o presidente-executivo da Fiat Cesar Rumitti.

— Queremos chamar atenção para o fato de o Brasil ainda ter sérios problemas, principalmente fundiários. O Brasil não é nenhum paraíso — disse Summa, um dos autores do manifesto.

Reitor também lembrou a luta de FH pela redemocratização

O grupo preferiu evitar manifestações de protesto perto dos locais percorridos pelo presidente em Bolonha, entre eles o Museu Morani, na Piazza Maggiore. A cerimônia começou às 13h20m e às 13h50m o presidente recebeu seu diploma de doutor *honoris causa*, além de um anel e um exemplar do livro "A República de Platão". O professor Giorgio Alberti, responsável pela indicação de Fernando Henrique, leu uma biografia do presidente brasileiro, lembrando de seu exílio no Chile até sua vitória contra a inflação a partir do Real.

— Muito obrigado por ter regressado entre nós como presidente da República Federativa do Brasil — leu Alberti no

único trecho em português de seu discurso.

O presidente fez um discurso acadêmico (a rigor, uma aula), citando mais de uma vez o intelectual italiano Norberto Bobbio, mas repleto de mensagens como sociólogo, mas foi o político quem discursou. Na aula, intitulada "Alguns aspectos da questão da democracia nos dias de hoje", o presidente afirmou:

— Em muitos casos houve um atraso na representação tradicional (partidos) em compreender e introduzir esse conjunto de reivindicações. Sobre tudo introduzi-los com eficácia e coerência — disse Fernando Henrique, reclamando do que chamou de "partidarização de reivindicações fragmentárias" e citando como exemplo os verdes.

— É uma solução limitada.

O presidente pregou a convivência, a tolerância e a negociação como formas de transformar um país.

— O primeiro dever democrático é justamente o de aceitar a complexidade da sociedade, que se manifesta pela multiplicação e variedade das demandas, pelo poder dos meios de comunicação, pelo fato de que a convivência democrática reúne heterogeneidade e uma vontade permanente de transformação, sobretudo se estamos no Brasil — disse Fernando Henrique, para logo acrescentar:

— A expressão simbólica da aceitação da complexidade é a tolerância, que se exprime na abertura permanente para ouvir os que discordam e, sobretudo, garantir o espaço do dissenso. Consensos perfeitos são raros em democracias de sociedades complexas e desiguais. Assim, a expressão política da aceita-

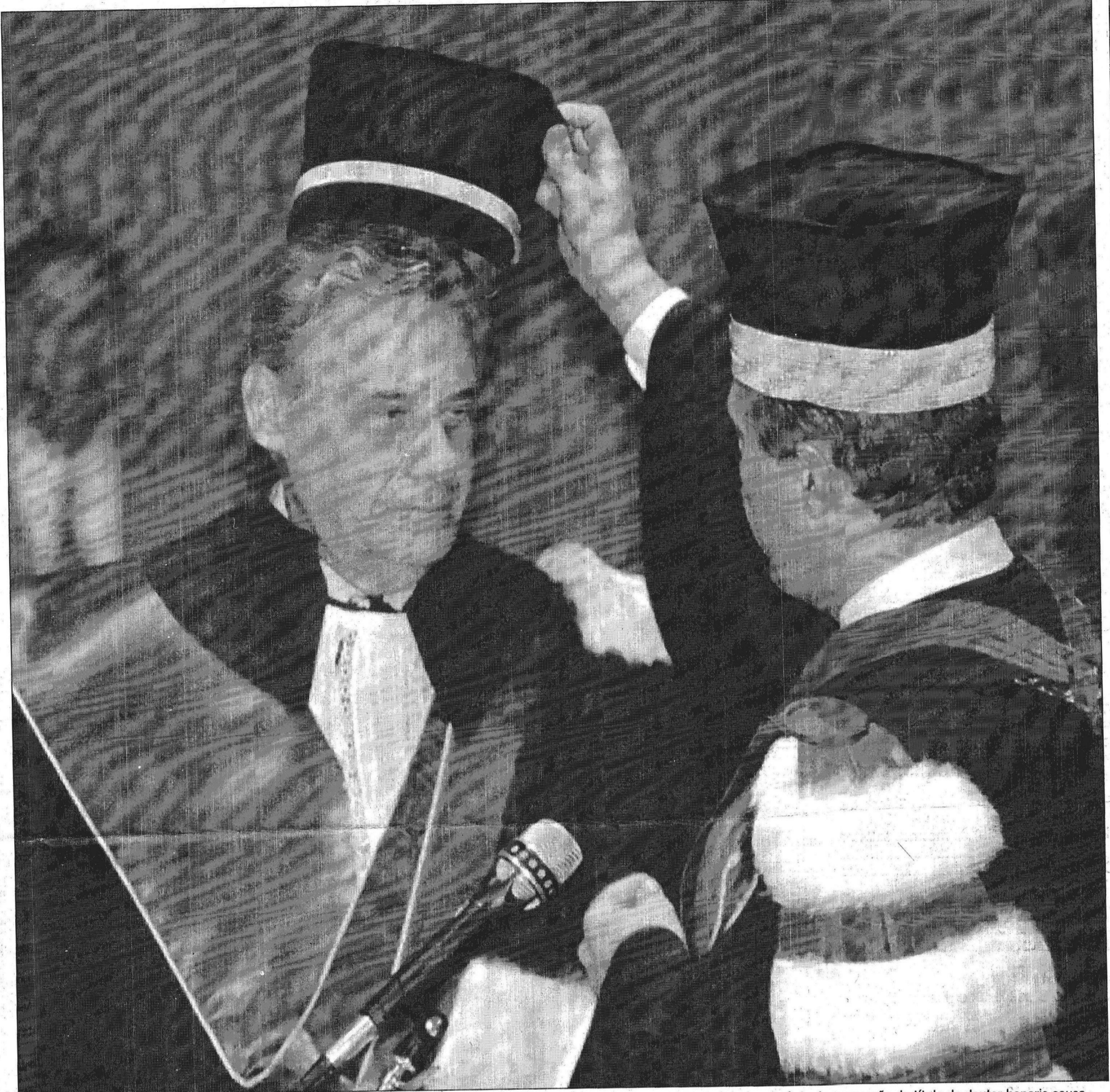
ção da complexidade é a negociação. Negociar para transformar é uma das chaves do processo de consolidação democrática.

Citando Bobbio, Fernando Henrique criticou o radicalismo — "detesto o fanático com toda a minha alma" — e reservou grandes elogios para a imprensa, que apontou como um dos pilares da democracia brasileira:

— Os meios modernos de informação definem parte essencial da realidade política. Sem o sistema amplo de meios de comunicação de massa que temos no Brasil, dificilmente teríamos conseguido levar adiante a democratização ou o Plano Real.

O presidente encerrou o discurso dando uma aula de modéstia:

— O papel simbólico e legitimador do novo será a marca do líder político de envergadura que seja realmente demo-



O REITOR DA UNIVERSIDADE de Bolonha, Fabio Roversi-Monaco, põe o capelo no presidente Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de concessão do título de doutor *honoris causa*

crático. Não aspiro a ser capaz de tanto. Que pelo menos a lucidez da academia ajude-me a formular, senão a exercer, os papéis que a democracia contemporânea exige dos presidentes e demais dirigentes políticos.

Em Roma, o presidente fez uma visita surpresa à exposição instalada na Galeria Candido Portinari, na Embaixada brasileira em Roma.

— O que vai diferenciar o mundo no processo de globalização que vivemos é a cultura. Teremos carros, computadores, eletrodomésticos, uma série de bens de consumo iguais, mas a cultura não. É por isso que devemos valorizá-la — disse enquanto apreciava os quadros e as esculturas.

Os artistas, que fazem parte do grupo "Todos de bem", de Brasília, ficaram felicíssimos com a visita de Fernando Henrique, que fez comentários enquanto caminhava pela exposição.

— Este é um trabalho suspeito porque vejo tucanos — brincou diante dos quadros de Claudio Ribeiro Castro.

Partida de futebol abrevia o jantar na embaixada em Roma

No banquete oferecido pelo Governo brasileiro ao presidente Scalfaro, na embaixada na Praça Navona, antes mesmo de ser servida a sobremesa a ex-ministra das Relações Exteriores Suzanna Agnelli levantou-se da mesa e dirigiu-se ao salão anexo, onde fora instalado um telão para que os convidados pudessem assistir, depois do jantar, à partida de futebol entre Itália e Inglaterra, válida pela classificação para a próxima Copa do Mundo.

Mal chegou-se ao fim do jantar, Scalfaro e Fernando Henrique tomaram a mesma direção de Suzanna Agnelli, seguidos de Marianna, filha do presidente italiano, que é viúva, e de dona Ruth Cardoso. Não demorou muito e o Salão de Ingresso da embaixada, onde estava o telão, era ocupado por todos os convidados, interessados no jogo. ■